

# CAMINHOS DE CULTURA EM PORTUGAL

Homenagem ao  
**Professor Doutor Norberto Cunha**



**Organização**  
Fernando Augusto Machado  
Manuel Rosa Gonçalves Gama  
José Marques Fernandes

# O III Congresso Internacional de História da Ciência

PORTUGAL, 1934. CONTEXTOS CIENTÍFICOS,  
CONTEXTOS CULTURAIS E POLÍTICOS

---

Maria de Fátima Nunes

Universidade de Évora – Departamento de História; CEHFCI

---

321

## Portugal 1934 – III Congresso Internacional de História da Ciência<sup>1</sup>

Na sequência dos Congressos Internacionais de História da Ciência, Paris (1929) e Londres (1931) realizou-se em Portugal o III Congresso, trazendo até ao rectângulo do extremo ocidente da Europa as personalidades que na época procuravam integrar a História da Ciência no âmbito dos trajectos internacionais dos Congressos Científicos especializados. Todos os rituais e conteúdos científicos foram registados e editados num muito pequeno intervalo de tempo. Nesta apresentação de trabalho é fundamental referenciar a figura de Arlindo Monteiro<sup>2</sup>, Secretário da Secção de Lisboa do Grupo Português de História das Ciências, estabelecendo-se uma rede de conexões entre a sociabilidade científica e a historiografia da História da Ciência em termos internacionais.

É esta personagem que é responsável por um prefácio de quarenta e quatro páginas, em francês, com reportagem fotográfica oficial incluída, o programa social e a narrativa dos eventos científicos estabelecidos para a organização deste III Congresso. Este deveria ter-se realizado em Berlim, em 1934. O contexto europeu de ascensão do nacional-socialismo fez falhar esta hipótese entre os organizadores da *Académie Internationale d'Histoire des Sciences*<sup>3</sup>. Então entraram outras lógicas de sociabilidade científica e de

relacionamento já estabelecido entre Portugal e Itália, pela figura de Aldo Mieli, amigo pessoal de Arlindo Camilo Monteiro.

A revista *Archeion*, ano de 1933, constitui o repositório informativo melhor apetrechado para nos fornecer as informações necessárias às deambulações havidas sobre as potenciais vidas itinerantes destes III Congresso.

Num primeiro tempo, Aldo Mieli através da revista *Archeion* ficou encarregue de organizar o III Congresso Internacional de História da Ciência em Portugal e em Espanha. A revista tem abundante informação sobre circulares e missivas trocadas entre os delegados espanhóis e Aldo Mieli. Nelas se pressente o «mau estar» dado que se escreve sobre uma «conduta irregular» da comissão espanhola para com Mieli – secretário perpétuo da Academia.

Estava-se no final da Primavera de 1934. Arlindo Camilo Monteiro oferece o espaço português para a realização e disponibiliza o Grupo Português de História da Ciência para a organização do evento. As cidades escolhidas foram Porto, Coimbra e Lisboa, tendo o Grupo Português de História das Ciências conseguido galvanizar os poderes públicos a nível governamental e as entidades académicas das três Universidades portuguesas. Um conjunto muito variado de actividades que se desenrolavam entre 30 de Setembro (Porto) e 6 de Outubro (Lisboa).

Se olharmos para a cronologia de grandes acontecimentos de final de Setembro ocorridos na cidade do Porto percebemos as coincidências de datas: no final de Setembro ocorreu no Porto o encerramento da Exposição e Cortejo Coloniais, eventos que culminavam o Congresso Nacional de Antropologia Colonial, Porto, 1934, organizado pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, sob a orientação científica de Mendes Correia.

Assim, em Portugal respirava-se ar de cosmopolitismo científico perfeitamente enquadrado no espírito da recepção do III Congresso Internacional de História da Ciência<sup>4</sup> e seguindo uma tradição positivista e republicana de acolher Congressos científicos internacionais em território nacional metropolitano.

O Congresso de 1934 contou com catorze comunicantes oriundos da Alemanha, da Argentina, da Bélgica, do Brasil, do Egipto, de Espanha; de

França, de Itália, de Marrocos, da Roménia, da Suíça, da Checoslováquia e de Portugal<sup>5</sup>. Uma geografia cultural e científica suficientemente diversificada que decerto colhia os planos de projecção que o comité organizativo tinha pretendido alcançar.

A publicação, em francês, da documentação do Congresso permite-nos efectuar a arqueologia dos rituais e das celebrações científicas e a demonstração do *estado da arte* temático para a época, quer para Portugal quer para a Academia Internacional de História das Ciências. Este documento, de acesso público, como acima referenciamos, graças à actual tecnologia do tempo da globalização, permite estabelecer o ponto de partida para a projecção nacional e internacional do evento científico.

A sessão de boas vindas dada pelo Vice-Reitor da Universidade do Porto – M. José Pereira Salgado – centrou-se na história da química em Portugal, retomando uma comunicação efectuada para o *Livro de Ouro da Exposição Portuguesa em Sevilha, 1929*, eventos que sempre combinavam uma parte científica com uma componente expositiva e celebrativa. Na Universidade de Coimbra houve um tempo de novamente celebrar o evento com conferências inaugurais, desta vez a cargo do Professor Ricardo Jorge<sup>6</sup> e do Comandante Fontoura da Costa<sup>7</sup> proferidas com toda a solenidade na Sala dos Capelos. A estrutura temática desdobrou-se em V secções<sup>8</sup>, tendo todas elas funcionado na Universidade de Coimbra, o único espaço de trabalho real e concreto deste III Congresso Internacional de História das Ciências. Em Lisboa, a 6 de Outubro, após a celebração da República, no dia 5 de Outubro, teve lugar a sessão solene de encerramento na Câmara Municipal da cidade, com discursos protocolares do Vice-Reitor da Universidade de Lisboa e o Presidente da Câmara da capital do Império.

Sob o ponto de vista temático o contributo nacional centrou-se na História da Ciência, na História da Medicina e na História da Cartografia e das Descobertas, áreas privilegiadas pelo Grupo Português de História da Ciência – *Petrus Nonius*. Na primeira secção inseriram-se: Joaquim de Carvalho, *Jacob de Castro Sarmiento et l'introduction des conceptions de Newton en Portugal*; Fidelino de Figueiredo, *Para a história da crítica literária em Portugal: a reconstituição da literatura medieval* e o contributo de João Martins da Silva Marques, *De l'histoire de la Paléographie en Portugal*.

Na secção de Cartografia e Descobertas registou-se o contributo do Comandante Fountoura da Costa que dissertou sobre *L'almanach Perpetuum de Abraham Zacut, Leiria, 1496*, tendo ainda os temas portugueses estado presentes pelos contributos de José Millas Vallicrosa (*Un almanaque português del siglo XIV*) e do checo Quido Vetter (*Rélation mathématiques entre les Pays Tchèques et les Pays de la Péninsule Ibérique, l'Amérique et l'Extrême Orient*).

Na III secção não se registaram contributos portugueses, mas em contrapartida a secção da História da Medicina contou com a colaboração de Arlindo Camilo Monteiro (*De l'influence portugaise au Japon*), de Alberto Pessoa (*Emblèmes et figurations de la Médecine à l'Université de Coimbra*), de Alberto Rocha Brito (*As epidemias do século XVI e as Câmaras de Coimbra*), de Luiz de Pina (*Um manuscrito do século XVIII sobre a Flora Médica Timorense e História das doutrinas humorais e constitucionais em Portugal*) e de Fernando da Silva Correia (*Portugal dans l'histoire de l'hygiène*); a estas comunicações devemos ainda juntar as de Karl Sudhoff (*Pedro Hispano ou, melhor, Pedro Lusitano, professor de medicina e filosofia e, finalmente, Papa João XXI*) e Tricot-Royer (*Les Coloques de Garcia d'Orta aux officines Plantin, à Anvers*). Finalmente na V secção do III Congresso Internacional de História da Ciência destacamos o contributo de dois brasileiros, o Professor J. Bettencourt Ferreira sobre a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (*Acerca da «Viagem Filosófica» do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e da colonização portuguesa no Brasil 1783-1793*) e do Tenente-coronel F. Jaguaribe de Matos (*Les idées sur la physiographie sud-américaine*).

### Difusão na imprensa

Este acontecimento cultural e científico, que teve lugar entre 29 de Setembro e 6 de Outubro no nosso país, teve um impacto jornalístico composto por duas faces. A nível imediato, a cobertura dos acontecimentos pela imprensa diária, como o *Diário de Notícias* e *O Século*. A par das sessões de trabalho fixava-se fotograficamente os cerimoniais de Estado e os científicos, assim

como os itinerários e acontecimentos sociais que preencheram, também, este III Congresso Internacional. O *Diário de Notícias*, e demais imprensa informativa diária, de Lisboa e do Porto, constroem uma imagem de um suposto cosmopolitismo científico existente em Portugal, decerto na continuidade do Congresso Colonial realizado no Porto, no Verão de 1934<sup>9</sup>.

Na imprensa o que marca impacto na difusão de notícias para a opinião pública são os factos e as fotografias sociais, não se retirando para a sociedade qualquer tipo de projecção para a cultura científica em Portugal. No entanto, sempre teve honras de primeira página, possibilitando efectuar chamadas de atenção ao leitor para o facto de um conjunto importante de congressistas estarem em Portugal e serem recebidos, homenageados como com altos dignitários da ciência.

Assim se entende que o encerramento do Congresso e o discurso do Vice-Reitor da Universidade de Lisboa (a 6 de Outubro) venha transcrito, por excertos, na terceira página do *Diário de Notícias*. Dele se destaca a importância de Lisboa como capital de um império colonial e da Universidade de Lisboa na história do conhecimento científico português, tendo como balanço discursivo salientar e enaltecer a importância da realização de Congressos Internacionais em Portugal com ponto de paragem obrigatória por Lisboa.

Em jeito de balanço podemos dizer que os jornais informativos nada acrescentam à leitura da publicação das comunicações do Congresso: eles funcionam como um repositório parcial, permitindo assinalar o desenrolar científico e social do evento pelas cidades do Porto, de Coimbra e de Lisboa, noticiando o vasto programa social organizada pelo Estado português e pelos organizadores do Congresso.

Como aspecto do impacto indirecto refira-se a notícia centrada em filosofia da ciência sobre um dos livros publicados por Einstein.

Em 8 de Outubro de 1934 o *Diário de Notícias* em artigo colocado na secção de *Folhetim* faz editar as considerações críticas sobre «Cultura Estrangeira Cultura Portuguesa, recensão a *Comment je vois le monde*, por Albert Einstein, ed. Flammarion, Paris, 1934. Tece uma crítica violenta ao texto de Einstein. O final, após a análise de vários aspectos de índole filosófica que são analisados no texto, vem abruptamente colocar o ponto final do texto:

«Que conceito devemos fazer de quem ainda fala na estagnação medieval? Estagnação? Se houve período agitado – política e intelectualmente – foi a Idade Média que pode dizer-se do cadinho onde se geraram e temperaram as sociedades modernas. Estagnação medieval? O Sr. Einstein não sabe o que diz. Ora ensina que o dinheiro só provoca egoísmo e leva quem o possui irresistivelmente a fazer mau uso dele, ora apela para o dinheiro, para que ele valha à vida científica e a impeça de morrer! Não. O Sr. Einstein não deve sair para fora do circuito da sua especialidade».

E assim se teciam os fios da cultura científica na imprensa informativa e diária de Portugal pelo ano de 1934.

Diferente foi o impacto deste III Congresso Internacional na imprensa especializada.

Na imprensa cultural e científica temos que registar o facto de as revistas *Isis*, *Archaeion* (Roma), *Las Ciências* (Madrid), *Le Scalpel. Journal belge de sciences médicales* (Liège) terem dado relevo considerável ao acontecimento, ainda que em diferentes tons discursivos.

No contexto português, este Congresso terá um espaço de especial destaque na revista *Petrus Nonius*, a aparecer em 1937, como órgão do Grupo Português da História das Ciências, sob direcção de Arlindo Camilo Monteiro.

Damos aqui particular destaque aos registos efectuados pelo historiador da Ciência Georges Sarton na revista de que era Director: a *Isis*. No volume de 1934-1935 Sarton dedica um largo espaço informativo a este acontecimento científico – a realização no Porto, em Coimbra e em Lisboa do III Congresso Internacional de História da Ciência, de 30 de Setembro a 6 de Outubro. «Complete accounts of the Congress will eventually appear in *Archeion*, and proceedings will probably be published in the fullness of time by our Portuguese colleagues»<sup>10</sup>.

O trazer a Portugal deste acontecimento internacional, no momento em que se celebrava também no Porto a Exposição Colonial, foi pretexto para Georges Sarton deixar marcas de um discurso crítico e irónico sobre a sociedade portuguesa. Nas suas memórias lusitanas deixou o registo emotivo (e não científico) de um País atravessado por inúmeros percursos turísticos. Uma Lisboa repleta de encantos a lembrar os grandes ídolos

nacionais da cultura portuguesa – Camões, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Vasco da Gama... A par destas memórias impressionistas Sarton fixou o nome dos portugueses directamente envolvidos na organização e no acompanhamento do Congresso – Arlindo Camilo Monteiro, Alberto Pessoa, Fernando de Almeida e Vasconcelos, Ricardo Jorge, Fernando da Silva Correia, ou seja o núcleo de portugueses institucionalmente ligados à História da Ciência em Portugal, à dinamização dos Congressos da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências em colaboração com a sua congénere espanhola e, ainda, os que internacionalmente eram conhecidos dos leitores da *Archeion*.

A Georges Sarton na *Isis* caberia fixar narrativamente o evento, manifestar a emotividade de conhecer um País desconhecido e desvendar alguns dos seus Museus e recantos paisagísticos, recontar as recepções e as excursões científicas e o historial de edifícios histórico-científicos, como a Universidade de Coimbra e «estabelecimentos anexos». Como balanço evocativo deste III Congresso Internacional de História da Ciência, deixa-nos um depoimento sintético, carregado de múltiplos sentidos de leitura: “However, my dearest vision, the most lovely thing I saw in Portugal – far humbler than any other but more pleasing to my soul – was the fishing village of Nossa Senhora de Nazaré [...] It’s being a feast day – the anniversary of the Republic”. Pretexto para uma pausa e inserir uma elucidativa de rodapé: «The Portuguese Republic was founded on October 5, 1910. The present President General António Oscar de Fragoso Carmona is in fact a dictator. The prime minister Dr. António de Oliveira Salazar was formerly a professor in Coimbra. He seems to be a very wise and austere man, absolutely devoted to his task, and the main artisan of a new renaissance. He has realised that the main prerequisite of a sound revival was to strengthen the physical and mental health of the people. He has started a crusade for hygiene and social medicine, sports and cleanliness, which is as beneficial as it was needed»<sup>11</sup>.

Após o breve apontamento retoma o texto principal, descrevendo emotivamente o pitoresco folclórico dos pescadores e das mulheres da Nazaré, quão originais e distintas eram do resto do País. Porém, a síntese de trabalho proferida no final está nos antípodas desta amena cavaqueira discursiva. Para futuros encontros internacionais Sarton deixa sugestões

variadas à comunidade científica portuguesa no sentido de elevar o debate científico, de moderar os cerimoniais académicos e as consequentes mostras públicas de «mundividência em excesso e cientificidade em défice», para além de recomendar aos próximos organizadores a aprendizagem da qualidade da pontualidade<sup>12</sup>.

Este ponto de vista contrasta profundamente com a cobertura informativa dada pelas publicações *Archeion* e pela revista portuguesa *Petrus Nonius*. Na primeira, o Congresso tem um lugar de primazia, tal como referimos inicialmente, e de destaque no volume XVI referente ao de 1934. São quarenta páginas que constituem um verdadeiro documento de reconstituição dos eventos ocorridos nas cidades do Porto, de Coimbra e de Lisboa, permitindo tomar contacto com os diferentes nomes portugueses que institucional e oficialmente se encontravam, na época, ligados à História da Ciência em Portugal. Material informativo que circulou pelos assinantes e colaboradores da *Archeion*, e que em 1937 o português *Petrus Nonius* foi recuperar como suporte de recordações e de memórias para legitimar uma autoridade científica nacional e comemorativa, a propósito do Centenário da Academia e da Escola Politécnica.

#### A fabricação (interna) de uma memória nacional de cultura científica

A análise da publicação da revista e do Anuário *Petrus Nonius* permite-nos entrar directamente no quadrante institucional da história da ciência em Portugal. Publicação com dois anos de vida, 1937-1938 (quatro números publicados), apresentou o complemento do Anuário – *Petrus Nonius* número único, 1937, publicação do Grupo Português da História das Ciências. Arlindo Monteiro assume, numa e noutra, as funções de Director da publicação e do Grupo, tendo como membros do comité central as figuras de Joaquim de Carvalho, A. A. Mendes Corrêa, Fontoura da Costa, Ricardo Jorge, Fernando de Almeida e Vasconcelos. Deste modo, a nova publicação cobria um leque variado de saberes centrados em diferentes áreas do conhecimento, desde a Antropologia, a Náutica, a Filosofia, a Matemática, a Higiene e a Saúde Pública., mantendo-se o fio condutor personalizado e

temático que vinha desde a revista *Archeion*. Se efectuarmos uma matriz de observação ao material publicado somos confrontados com o modo como se estabelecem autoridades de Autores, como se podia pegar na História da Ciência e a partir dela se estabeleciam vários outros mecanismos de sociabilidade científica, componente fundamental nesta publicação periódica fundada e criada para consagrar a adesão nacional ao Comité Internacional de História das Ciências. A sua história tem uma chave explicativa do seu aparecimento: a dupla Aldo Mieli e Arlindo Monteiro. Da continuidade de convivências destas duas personagens retomam-se alguns dos artigos portugueses já anteriormente publicados em Roma, juntam-se-lhes outros relacionados com as preocupações científicas do Grupo Português, enquadrados por instituições universitárias, como as Faculdades de Ciências e Medicina de Lisboa, do Porto e de Coimbra. Nas suas páginas foram-se celebrando as glórias do III Congresso Internacional de História da Ciência (1934), abriu-se o debate em torno do Ensino da História das Ciências, comemorou-se o centenário da fundação do Ensino Politécnico em Portugal, exactamente no ano de 1937.

Em primeiro lugar olhemos o Anuário da História das Ciências publicado pelo Grupo Português aderente à Académie Internationale d'Histoire des Sciences, Lisboa, Imprensa Nacional, 1937 (179 pp)<sup>13</sup>. Em todos os textos o passado nacional, centrado nas figuras dos heróis, estrutura a caracterização apresentada, evidenciando uma erudição especial no que diz respeito às Autoridades e às Fontes Primárias (impressas e manuscritas) para a História da Ciência em Portugal. Cruzam-se pequenas biografias com alinhamentos de quadros factuais, revivem-se nomes emblemáticos do período das Descobertas Geográficas e Naturais e da centúria de setecentos e oitocentos para o domínio das Matemáticas em Portugal.

As notas biográficas de matemáticos «portugueses ilustres» surgem como o recurso natural para uma sucessão de gerações cara ao imaginário histórico do Grupo Português: Anastácio da Cunha (1744-1787) vs Daniel Augusto da Silva (1814-1878) vs Francisco Gomes Teixeira. Retratos descritivos que foram pretextos para se efectuarem algumas reflexões sobre o possível significado da Ciência em Portugal, a partir do elogio fúnebre a Gomes Teixeira (1851-1933).

Num balanço rápido podemos ousar perguntar qual a utilidade deste Anuário, secção nacional de uma internacional Academia? Primeiro temos de registar o espírito de História positivista que os membros desta agremiação científica efectuavam, buscando referências em bibliotecas dispersas por Portugal e em alguns casos pela Europa, cruzando informações oriundas de diferentes tipos de fontes, fornecendo ao investigador de hoje um manancial riquíssimo de pistas bibliográficas que merecem um tratamento cuidado, de acordo com as novas perspectivas e tendências da história da ciência. Quando olhamos para as páginas da revista *Petrus Nonius* (1937-1938) também sob Direcção de Arlindo Camilo Monteiro, podemos ver que se impunha recordar o III Congresso Internacional de História das Ciências, 1934. Pretexto temático para o anúncio do Primeiro Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, tendo como secretário Manuel Múrias. A aproximação da mítica data de 1940 conduzia directamente aos preparativos no campo da história da ciência. Mas, 1937 foi igualmente um ano especial para o ciclo comemorativo dos celebrados Centenários temáticos: o Primeiro Centenário da Escola Politécnica de Lisboa, da Escola Médico Cirúrgica de Lisboa, da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, da Academia Politécnica do Porto. Afinal, pretextos para fazer accionar o repositório informativo da memória histórica recente destas instituições científicas, no nosso País. Esta onda de celebrações oficiais pressupunha, igualmente, a importância que estes acontecimentos tinham para a comunidade científica portuguesa que deveria intervir através da organização de colóquios, apresentando comunicações, animando as páginas dos jornais, ocupando as tipografias das respectivas instituições, gerando uma febril actividade de carácter comemorativo.

Na secção das novidades internacionais de *Petrus Nonius* devemos aludir o destaque dado ao tema *Ensino da História das Ciências nas instituições universitárias*. «Desde 1929 que a Academia, no Congresso celebrado no mesmo ano em Paris, proclamou junto dos representantes dos governos de diversos países «a necessidade da criação de cadeiras de História das Ciências nas principais Universidades»<sup>14</sup>, informava a Revista de Arlindo Monteiro.

As comemorações e homenagens internacionais tiveram também um lugar de relevo, procurando incluir os leitores portugueses num espírito de cosmopolitismo científico<sup>15</sup>.

Podemos concluir que o trabalho desenvolvido pelo Grupo Português da História das Ciências, liderado por Arlindo Camilo Monteiro se saldou, globalmente, pela recuperação, ao nível da recolha de elementos bibliográficos, de referências relativas à História das Ciências em Portugal, tendo em conta as relações culturais que o País tinha em cada uma das épocas. Os trabalhos apresentados revelam uma elevada minúcia de erudição; qualquer dos artigos publicados se insere nesta qualidade de revelar informação de Bibliotecas e de Arquivos, quase como um sinal da obra que Rómulo de Carvalho, enquanto historiador da Ciência, irá iniciar em 1953<sup>16</sup>.

A instituição Academia das Ciências de Lisboa reflecte, também, para esta época a forma como se estabelecia a memória científica do País. O Tomo I da Classe de Ciências<sup>17</sup> abre a nova série da publicação das memórias da Academia das Ciências de Lisboa com dois trabalhos centrados na História das Ciências em Portugal – a homenagem ao matemático Daniel Augusto da Silva, o pretexto para efectuar o historial de uma instituição prestes a iniciar as comemorações do seu primeiro Centenário – a Escola Politécnica de Lisboa e a Academia Politécnica do Porto. Francisco Gomes Teixeira e José Pedro da Cunha foram os sócios que tiveram a incumbência de fazer publicar os seus trabalhos de modo a consagrarem o novo fôlego da centenária Academia das Ciências de Lisboa, ganhando no contexto da sociedade portuguesa da década de trinta um significado, no contexto cultural e ideológico, bem preciso e determinante<sup>18</sup>.

O contributo de Pedro José da Cunha, centrado na Escola Politécnica de Lisboa, constitui o oposto metodológico do exemplo acima exposto. Trabalho preparado na primeira parte da década de trinta: «Contribuição para a história da Escola Politécnica de Lisboa. Sobre o primeiro provimento definitivo das três cadeiras de ciências filosóficas, a cuja regência provisória foi necessário atender logo no primeiro ano da sua fundação, Discurso lido na sessão da Academia de 21 de Janeiro e 4 de Fevereiro de 1937». Sem enquadramentos, sem sugestões, sem considerações, sem quadro de referências, nacionais ou internacionais, apenas a legislação e textos de Actas de júris e pequenos comentários de circunstância para efectuar a ligação das sequências de variadas citações efectuadas a partir dos textos legislativos de oitocentos. O veredicto vem, secamente, no final:

«E aqui está o que, sacudindo o pó dos arquivos, pudemos apurar acerca do primeiro provimento definitivo das três Cadeiras Filosóficas da Escola Politécnica, sobre cuja regência provisória se teve de providenciar logo no primeiro ano da sua fundação»<sup>19</sup>.

Neste modelo de fazer a história das instituições científicas temos apenas o suporte informativo da documentação de arquivo, sem confronto, sem notas de reflexão ou de análise, sem crítica, sem enquadramentos. O Autor, académico e membro do Grupo Nacional de História da Ciência, centrou o seu discurso na apresentação de factos legislativos e políticos, de acontecimentos endógenos da Escola Politécnica, o que nos coloca algumas interrogações sobre o modo como Pedro José da Cunha olhava as instituições do seu tempo e o papel que a história da ciência poderia nelas desempenhar. Decerto um modelo de conhecimento científico distanciado daquele que Francisco Gomes Teixeira apresentou no mesmo volume das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, de 1936. Uma última nota, a escrita e apresentação pública dos dois textos encontram-se separadas por um significativo intervalo de tempo – 1918 vs. 1937.

O Estado Novo consagrou uma particular atenção à data de 1940, sob o pretexto das Comemorações dos Centenários e à organização do Congresso do Mundo Português, sob a égide de uma Comissão Executiva dos Centenários, que se desenrolou por Lisboa, Coimbra e Porto, entremeando-se com o grandioso espectáculo de poder – a Exposição do Mundo Português<sup>20</sup>.

No campo da cultura científica em Portugal parece-nos pertinente dar relevo às secções do Congresso do Mundo Português que se designaram por *Discursos e Comunicações apresentadas ao Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa*<sup>21</sup> que constituiu o VIII Congresso do grande ciclo organizado, no qual se fez sentir o peso, o prestígio e a influência do magistério de Joaquim de Carvalho. Dois volumes que agregam as quarenta e sete comunicações apresentadas pelos membros da comunidade científica existente na época em Portugal<sup>22</sup>.

A História Contemporânea, enquanto disciplina das Ciências Sociais e Humanas, tem fundamentalmente abordado as actividades culturais decorrentes do ciclo dos Centenários de 1940 na sua componente política e

ideológica, relegando para segundo plano os acontecimentos que não encaixam nos projectos narrativos, caracterizadores dos mecanismos de poder cultural usados pelo Estado Novo. A entrada nas agendas de investigação de temas como a realização do III Congresso Internacional de História das Ciências em Portugal, em 1934, permite debater novos temas para a década de trinta do século XX, em termos europeus e portugueses.

Rasguem-se, pois, novos caminhos de investigação sobre a realidade do Estado Novo, englobando temas, contextos, actores e instituições da cultura científica e da História da Ciência da época. Uma tarefa que regularmente efectuamos no fórum de debate científico do Centro de História e Filosofia da Ciência: CEHFCi.

#### Notas

- 1 Este texto resulta de uma das linhas de investigação do CEHFCi – História da Ciência em Portugal no século XX que tenho vindo a desenvolver há vários anos em parceria com os meus Colegas Augusto Fitas e Marcial Rodrigues. Para os últimos resultados ver A. Fitas, M. F. Nunes, M. Rodrigues, *Filosofia e História da Ciência em Portugal no século XX*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008.
- 2 Médico com vários trabalhos publicados na área de História da Medicina em Portugal. Membro correspondente da Académie Internationale d'Histoire des Sciences, da Société Internationale d'Histoire de la Médecine e da Academia Hispano Americana de Ciencias y Artes.
- 3 Tinha-se verificado nos Congressos de Paris e de Londres que vários membros da comunidade científica que dissertavam sobre história da ciência tinham proximidades de origem de família judaica. Razão que, em nosso entender, deve ter pesado para afastar Berlim de Hitler do cenário de reunião magna europeia e americana.
- 4 *III Congrès International d'Histoire des Sciences*, Lisboa, 1936. As Actas do Congresso podem ser consultadas na *Biblioteca Digital da BNP* no sítio de <http://purl.pt/425>.
- 5 Portugal apresentou sete comunicações organizadas pelas Universidades de origem. A Universidade do Porto contava com quatro comunicações; a de Coimbra com três comunicantes e a de Lisboa com duas conferências e sete comunicações.



- 6 Conferência intitulada *La Médecine et les médecins dans l'expansion mondiale des Portugais*.
- 7 Conferência sobre *La science nautique des Portugais à l'époque des découvertes*.
- 8 I - História Geral das Ciências; II - História das Ciências Exactas Puras e Aplicadas; II - História das Ciências Físico-Químicas e das Ciências Naturais; IV - História da Medicina; V - História das Ciências Geográficas e das Descobertas
- 9 Registe-se na proximidade da data do III Congresso Internacional de História da Ciência a realização do Congresso Internacional de Radiocomunicações; o noticiar abundante dos eventos relacionados com a Exposição Colonial Portuguesa, com especial destaque informativo sobre o Cortejo Colonial. Pretextos de celebração científica que se desdobravam pelo informar sobre o Congresso de Antropologia Colonial, sobre o Congresso de Colonização Portuguesa, o Congresso de Ensino Colonial. Uma cadeia de informação para emitira nas páginas dos jornais, evidenciando um grau de abertura internacional legitimada pela presença de cientistas nacionais e internacionais nestes grandes acontecimentos que atraíam a atenção de vários sectores da opinião pública. Aliás é sintomático que as notícias jornalísticas relativas à abertura do Congresso estejam associadas à publicitação do cortejo da Exposição Colonial realizado no Porto, o que de certa forma indicia as causas políticas e de estratégia para este III Congresso se ter iniciado em fim de Setembro no Porto, descido até Coimbra e terminar em Lisboa, para na capital do Império se afirmar a importância das Descobertas através de um tour de turismo científico à Torre de Belém e aos Jerónimos. Tempo de preparação para a futura Praça do Império da Exposição do Mundo Português de 1940.
- 10 Georges Sarton, "Lusitanian Memories", *Isis*, , XXII, 1935-1935, p. 440.
- 11 *Idem, ibidem*, 450.
- 12 "Indeed the considerations of appointments as upper limits is one of the essencial conditions of modern life, not to speak of the conditions of scientific work and scientific congresses", Georges Sarton, *op. cit.* p. 454.
- 13 Peça única, sem apresentação explicativa, nem ostentando nomes que estariam por detrás desta adesão à Academia Internacional de História da Ciência; contempla sete artigos centrados no campo da História / Memória da Ciência em Portugal: Fernando de Almeida e Vasconcelos, *Uma prioridade da Ciência Matemática Portuguesa. Daniel Augusto da Silva (1814-1878) e a constituição da Astática*; Augusta Faria Gersão Ventura, *Clúcio. Portugal e os Portugueses nas suas obras*; Pacheco de Amorim, *Nomenclatura dos grandes números*; Geraldino Brites, *Os «Quístos musculares» de Costa Simões*; Alberto Pessoa, *A botica de Eusébio Macário*; Luiz de Pina, *Tábuas Cronológicas das Ciências em Portugal no século XVI*; Augusta Faria Gersão Ventura, *Leitura dos Grandes Números*
- 14 "Ensino da História das Ciências", *Petrus Nonius*, 1937, p. 185.

- 15 Recordar-se Lord Rutherford e a sua obra, a cargo do colaborador Ramos da Costa – Vice-Presidente da Secção de Lisboa do Grupo Português da História das Ciências, antigo professor da Escola Naval. Ramos da Costa foi também responsável por uma certa lufada informativa nos domínios da Física e da Radioactividade, descoberta em 1896, trazendo até aos leitores portugueses pequenas notas de erudição sobre os mais importantes físicos da época – Rutherford, Henrique Becquerel, Curie, Mac Gill, J. Perrin, J. J. Thompson. *Petrus Nonius*, nº 4, 1938, pp. 488-491.
- 16 Cfr. Rómulo de Carvalho (1996), *A Actividade Científica em Portugal no século XVIII*, Ed. Universidade de Évora e (1997) *Estudos Históricos (1953-1994)*, Ed. Universidade de Évora.
- 17 Este Tomo I constitui um precioso instrumento de trabalho, uma vez que publica o "Índice Geral dos trabalhos que interessam à Classe de Ciências insertos em colecções anteriores", recuando até às Memórias setecentistas e englobando as publicações periódicas que, em momentos determinados, substituíram as Memórias da Academia. Cfr. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, - classe de ciências*, tomo I, 1936, pp. 1- 56.
- 18 Gomes Teixeira – que apresentara oralmente o texto na sessão de 2 de Junho de 1918 - efectua o elogio de Daniel Augusto da Silva (espécie de gramática de referência para os vindouros artigos sobre esta personagem...) e dirige as suas homenagens ao então Presidente da Academia – Vergílio Machado, e ao então Presidente da República Sidónio Pais. O seu trabalho é de uma enorme riqueza de referências encadeadas, no que à História da Matemática em Portugal diz respeito. Ao efectuar-se a arqueologia das suas propostas somos levados a entender o modo como Francisco Gomes Teixeira combinava o discurso de historiador com o discurso de matemático, caldeando ambos com uma plasticidade de linguagem que evidencia uma sólida componente cultural, sem divórcios ou divisórias entre Ciência – Artes – Humanidades, dado que "As harmonias da natureza, que são o encanto dos sentidos, correspondem nas Matemáticas harmonias numéricas, que são o encanto da razão. Um trabalho matemático é para quem o sabe ler o mesmo que um trecho musical para quem o sabe ouvir, um quadro para quem o sabe ver, uma ode para quem a sabe sentir. Assim como admiramos na música a harmonia dos sons, na escultura a harmonia das formas e das cores, na Matemática, como na Poesia, encantam-nos as harmonias das ideias pela imaginação, sem a qual não há géometra" F. Gomes Teixeira, "Elogio Histórico de Daniel Augusto da Silva", *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - classe de ciências*, tomo I, 1937, p. 84.
- 19 José Pedro Cunha, «Contribuição para a história da Escola Politécnica de Lisboa», *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - classe de ciências*, tomo I, 1937, p. 362.
- 20 Cfr. "Congressos e conferências Culturais", *Dicionário de História do Estado Novo* (dir. F. Rosas, J.M.Brandão de Brito), vol. I, pp. 191-192.

- 21 Dois volumes que se encontram disponíveis na Biblioteca Digital Nacional da BNP: <http://purl.pt/414>; <http://purl.pt/415>.
- 22 Assim, o XIII volume das Actas, compunha-se do Tomo 1º - I secção - Ciências Físico-Matemáticas e Militares; II secção - 1º parte - Ciências Naturais e Biológicas e o XIII volume continha o Tomo 2º - II Secção - 2ª parte - Ciências Médicas e a III Secção - Ciências Sociais e Morais

## REFERÊNCIAS

- AUSEJO, E. (1993), *Por la ciencia y por la patria: la institucionalizacion científica en España en el primer tercio del siglo XX. La Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, Madrid, siglo XXI.
- Congresso do Mundo Português (1940), *Discursos e Comunicações apresentadas ao congresso da História da Actividade Científica Portuguesa*, vol. XIII, tomo I e II, Lisboa.
- FITAS, A. S. et al (2000), "A filosofia da ciência em Portugal no século XX", *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo II, pp. 421-582.
- FITAS, A. S. et al (2008). *Filosofia e História da Ciência em Portugal no século XX*, Lisboa, Caleidoscópio.
- HUERTAS, R. et al (coord.) (1998), *Ciencia y Fascismo*, Madrid, Doce Calles.
- III Congrès International d'Histoire des Sciences tenu au Portugal du 30 septembre au 6 octobre 1934, sou le haut patronage de S.E. le Président de la République Portugaise. *Actes, Conférences et Communications*, Lisboa, 1936.
- LAFUENTE, A. et al (coord), (1987), *Historia de las ciencias*, col. Nuevas Tendencias, Madrid, CSIC.
- NUNES, Maria de Fátima 2004-Winter, *The History of Science in Portugal (1930-1940) The sphere of action of scientific community*, «e-Journal Portuguese History», Volume 2, number 2 [http://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/html/issue4/html/nunes\\_main.html](http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue4/html/nunes_main.html)
- Petrus Nonius (1937). *Anuario da Historia das Ciencias publicado pelo Grupo Português aderente à Académie Internationale d'Histoire des Sciences*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Petrus Nonius (1937-38). *Publicação do Grupo Português de História das Ciências*, Lisboa. Fasc. I / II.
- TORGAL L. R. et al (1996), *História da História em Portugal. Séculos XIX e XX*, Lisboa, E. C.L.